

*Boletim Informativo da Federação Portuguesa
da Ordem Maçónica Mista Internacional "Le Droit Humain"*



*Ano 1 Edição N.º 2
Março, 2010*

Editorial

Caros Irmãos e Irmãs da Federação Portuguesa.

Com esta segunda edição damos mais um passo no estreitamento dos laços que unem há muito todas as Lojas da nossa Obediência em Portugal.

Iniciamos a publicação de pranchas simbólicas e sociais proferidas nas Lojas e que desde já agradecemos aos autores que fraternalmente partilham com todas as Irmãs e os Irmãos as suas reflexões.

A imagem da capa deste Boletim, convida-nos a uma reflexão sobre vários aspectos simbólicos que o “poço iniciático” nos pode suscitar.

Simplemente referirei a escada em espiral, que vemos na foto, em que, degrau a degrau, com maior ou menor dificuldade, vencendo as adversidades do caminho, subimos resolutamente aproximando-nos da Luz. Esta, no alto, constitui a promessa de

libertação. Para que possamos todos subir esta escada em caracol, qual escada de Jacob unindo a Terra ao Céu, temos de nos libertar do peso, do lastro que são as imperfeições da personalidade.

Árdua tarefa esta, a primeira de todas, que simbolizamos no retirar das asperezas da Pedra Bruta antes mesmo de a começar a polir. Mais leves, mais purificados, motivados, iniciamos a lenta ascensão, deixando para trás muito do que antes nos interessava mas era impeditivo dum verdadeiro percurso iniciático.

Nessa caminhada, cada olhadela para trás, para o nosso ego imperfeito, pode fazer-nos escorregar, e se cairmos, caso não fiquemos incapacitados, teremos de recomeçar de novo, mostrando que persistimos no propósito inicial.

É nas alturas de maior dificuldade, que o apoio das Irmãs e Irmãos que

sobem ao nosso lado, mais importante se torna. É aqui que a Cadeia de União mostra o seu valor. Só aceitando humildemente o apoio fraternal evitamos as quedas, sempre possíveis.

Desejando que todos subam resolutamente a escada e dêem oportunidade aos profanos que buscam aceder ao seu 1º degrau, após o portal de entrada, os membros do Conselho Nacional têm o objectivo de acompanhar as Lojas, que trabalham livre e autonomamente, e que possam necessitar de apoio nos procedimentos administrativos que decorrem dos Regulamentos. O objectivo é dar às Lojas o máximo de tempo, libertando-as para se focarem no que é essencial: o trabalho simbólico e social dos seus membros.

O Presidente do Conselho Nacional
Manuel Garrido

Nesta Edição:

- ◆ Editorial
- ◆ Segundo Aniversário da Federação Portuguesa
- ◆ Ataque Incendiário – Maçonaria Debaixo de Fogo
- ◆ Comemorações do Centenário da República
- ◆ Prancha Simbólica
- ◆ Prancha Social
- ◆ Maria Deraismes
- ◆ Poesia Iniciática
- ◆ Preceito Maçónico
- ◆ Comissão de Estudo dos Rituais
- ◆ Ficha Técnica

Correio electrónico:

dhpt@sapo.pt

Página na internet:

droit-humain.org/portugal

Página internacional:

droit-humain.org



Segundo Aniversário da Federação Portuguesa



**“PARA ALGUMAS
IRMÃS E IRMÃOS
ESTE FOI O SEU
PRIMEIRO
BANQUETE
RITUAL,
INCLUSIVAMENTE
PARA ALGUNS
APRENDIZES
CUJA
EXPECTATIVA
CRESCIA.”**

O segundo aniversário da Federação Portuguesa do Direito Humano, que se comemorou no passado dia 8 de Dezembro de 2009, foi assinalado, este ano, pela realização de um Banquete Ritual que teve lugar, numa sala reservada do Hotel Açores Lisboa, em Lisboa.

Por volta das 12:30, a sala anexa ao átrio do hotel começou a encher-se com os Irmãos e Irmãs que iam chegando das diferentes localidades do país, onde existem Lojas do DH. Foi o tempo de se trocarem cumprimentos. As Irmãs e Irmãos aproveitaram para se rever e conversar um pouco. Após cerca de uma hora subimos ao piso superior onde decorreu a cerimónia. Todas as Lojas estiveram representadas pelos seus Veneráveis ou por quem os substituiu, e por outros Irmãos e Irmãs que os acompanha-

ram associando-se, assim, a esta comemoração.

O Banquete foi presidido pelo Colégio de Oficiais do Conselho Nacional da Federação tendo a orientar os Trabalhos o seu Presidente, o Muito Respeitável Irmão Manuel Garrido. Estiveram a Oriente o Muito Poderoso Grão Comendador, Muito Ilustre Irmão Jorge Gomes, e os Veneráveis Mestres das Respeitáveis Lojas Fraternidade, Irmão Henrique Vaz; Athanor, Irmã Ana Maria Coelho de Sousa, e Adelaide Cabete, Irmã Ilda Batista. O Venerável Mestre da Respeitável Loja Liberalitas, o Irmão Rui Arimateia esteve também presente, mas ocupou um cargo de Oficial na sua qualidade de Conselheiro.

Todas as restantes Lojas estiveram representadas por Irmãos e Irmãs que tiveram assento nas Colunas.

Para algumas Irmãs e Irmãos este foi o seu primeiro Banquete Ritual, inclusivamente para alguns Aprendizes cuja expectativa crescia.

No final, a Irmã Graça Gomes projectou uma série de fotografias representativas dos momentos mais marcantes da segundo período da implantação do DH em Portugal, e a Irmã Fernanda Teixeira, apresentou um vídeo com os Irmãos e Irmãs da nossa Federação. Foi ainda, lançada a primeira edição do Boletim Informativo da Federação Portuguesa, apresentado em formato digital e elaborado pelo Irmão Ricardo Freitas e pela Irmã Raquel Reinho, no qual era recordado o 1º Aniversário da Federação Portuguesa e os Temas e Votos do ano em curso.

A visita ao túmulo da la. Adelaide Cabete não se realizou, porque o Banquete Ritual se prolongou para além da hora de encerramento do Cemitério.

Ilda Batista

Ataque Incendiário – Maçonaria Debaixo de Fogo



Cerca das 23 horas do dia 18 de Janeiro, as instalações maçônicas em Corry Street, Newtonwards, Irlanda do Norte, pertencentes à Loja St. Patrick e utilizadas por outras Lojas e Capítulos da Ordem Maçônica Mista Internacional, Le Droit Humain, foram assaltadas, saqueadas e incendiadas. Houve danos extensos na sala principal, no templo, na antecâmara e no piso térreo, com cortinas em fogo e o chão incendiado. Houve, também, danos extensos devido ao fumo. Alguns itens encontram-se com a polícia para análises forenses. Felizmente, não se encontrava nin-

guém no edifício na altura. Este ataque não é um incidente isolado. No dia 11 de Junho de 2004, as instalações maçônicas em Northampton, utilizadas pelos maçons da Loja Mercury, foram assaltadas e danificadas. Uma vez mais, a intenção não era meramente roubar, mas também profanar. Mais recentemente, vândalos destruíram o quadro de notícias e a vedação da sede britânica da Ordem em Surbiton, Surrey.

A Ordem Maçônica Mista Internacional, Le Droit Humain, admite homens e mulheres em termos iguais, sem distinção de raça, cor, origem étnica ou sistema de crenças pessoais. Isto, certamente, é uma abordagem válida em regiões conturbadas do mundo e, em particular, na Irlanda do Norte, onde o custo do conflito tem sido o sofrimento humano e a perda.

O ataque foi condenado pelos políticos locais, em particular pelo Partido da Aliança. Também estamos agradecidos pelas expressões de apoio de outros Maçons e corpos Maçônicos, em particular

à Grande Loja Irlandesa que gentilmente cedeu instalações substitutas. Esta é uma expressão do verdadeiro valor da Maçonaria, que vem à tona em tempos de dificuldade. Embora os incendiários possam ter atacado a infra-estrutura física da Maçonaria, eles nunca serão capazes de destruir os laços de fraternidade invisível que estão além do seu alcance.

Como um Irmão internauta colocou num fórum na Internet:

"independentemente da obediência, os maçons de todo o mundo estarão tristes pelo incêndio da vossa Loja..."

Fotografias reproduzidas por gentil permissão do Newtownards Chronicle a quem estamos extremamente gratos.

www.droit-humain.org/uk

**“EMBORA OS
INCENDIÁRIOS
POSSAM TER ATACADO
A INFRA-ESTRUTURA
FÍSICA DA
MAÇONARIA, ELES
NUNCA SERÃO
CAPAZES DE DESTRUIR
OS LAÇOS DE
FRATERNIDADE
INVISÍVEL QUE ESTÃO
ALÉM DO SEU
ALCANCE.”**



Comemorações do Centenário da República



31 de Janeiro de 1891

“A COMISSÃO
NACIONAL PARA
AS
COMEMORAÇÕES
DO CENTENÁRIO
DA REPÚBLICA
CONTINUARÁ AS
SUAS
ACTIVIDADES
DURANTE ESTE
ANO, REALÇANDO
A IMPORTÂNCIA
ACTUAL DA
REVOLUÇÃO QUE
SE FEZ HÁ CEM
ANOS ATRÁS.”

“Portugal é uma República soberana, baseada na dignidade da pessoa humana e na vontade popular e empenhada na construção de uma sociedade livre, justa e solidária”.

Art. 1º da Constituição da República Portuguesa.

No dia 30 de Janeiro de 2010, iniciou-se oficialmente no Porto as comemorações do centenário da implantação da República Portuguesa. O programa, elaborado pela Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, abrangeu o fim-de-semana de 30 e 31 de Janeiro no Porto, em tributo aos lutadores republicanos que aí defenderam os ideais republicanos, iniciando uma revolta que se estenderia nos anos seguintes a todo o país.

O primeiro dia de comemorações contou com uma série de conferências, tais como “A Glorificação do Porto pelo Ferivor Patriótico”, “O 31 de Janeiro e a implantação da República” e “Como Construir a República no Século XXI”. No Museu

Nacional da Imprensa foi inaugurada a exposição “A República na Imprensa – do Porto a Lisboa” e a Praça da Batalha foi palco de uma reconstituição histórica da “Evocação da Revolta Republicana de 31 de Janeiro de 1891” que, nesse mesmo local, instigou a revolução. Terminando este primeiro dia de celebrações, o Coliseu do Porto recebeu o concerto “4 vezes para 100 anos de República”, onde Rui Veloso recebeu Pedro Abrunhosa, Rui Reininho e Sérgio Godinho.

O segundo dia de comemorações iniciou-se com uma romagem ao cemitério Prado do Repouso para homenagem aos homens e mulheres que perderam a vida nesse fatídico dia de 31 de Janeiro de 1891. Ao fim da manhã, foi hasteada a bandeira nacional ao som de *A Portuguesa*, seguindo-se intervenções do Presidente da Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República e do Presidente da República, Prof. Dr. Aníbal Cavaco Silva.

A tarde deste 31 de Janeiro teve um toque mais cultural, com um Concerto

da Banda das Forças Armadas e uma Arruada à Portuguesa pelo INATEL, ambos no Jardim da Cordoaria. No Centro Português de Fotografia, abriu-se ao público a exposição “Resistência. Da Alternativa Republicana à Luta contra a Ditadura (1891-1974)”. A Casa da Música também contribuiu para as comemorações com o concerto “O Ano de 1910”, pela Orquestra Nacional do Porto.

A encerrar este início das comemorações do centenário da implantação da República, o Ateneu Comercial do Porto inaugurou a exposição da Associação 31 de Janeiro “Quem fez a República” e, de seguida, o Prof. Dr. António Reis, Grão-Mestre do Grande Oriente Lusitano, apresentou o livro “A Maçonaria e a Implantação da República”. Fez, ainda, perante um auditório repleto, uma resenha da importância do contributo pessoal e individual dos Maçons para a realização da revolução republicana.

A Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República continuará as suas actividades durante este ano, realçando a importância actual da revolução que se fez há cem anos atrás.

Ricardo Freitas

Prancha Simbólica

A Vida Oculta da Maçonaria

“Somos os guardiães de um segredo muito antigo que cintilará um dia, no coração de todos os homens.”

Se repetíssemos isto no mundo profano, quantos impropérios! Quantas acusações de megalomania, de anacronismo! E no entanto esta afirmação é uma esperança, um desejo de um mundo mais justo e fraterno porque orientado pela lei do amor. Nela reside a força que nos une para lá das aparências, das ideologias e das crenças.

Para além do que é visível situa-se o que, efectivamente, preservamos. O que nos é querido, o que nos é essencial, o que guardamos dos olhares que maculam ou que não compreendem. Aquilo a respeito do qual, muitas vezes, afirmamos: *“Isso, para mim, é sagrado”*.

A maçonaria é uma ordem oculta. É preciso saber **ler** – saber reunir, recolher, apoderar-se do sentido. Este desvendar é a finalidade do caminho e simultaneamente o próprio caminho. São as clareiras que se vão abrindo quando avançamos atentos, em silêncio e despojados. Quando combatemos a ignorância com estudo, com meditação e com elevação interior. Nada disto podemos esperar sem o empenhamento pessoal. Nada disto se transmite como uma simples informação. Todo este crescimento se passa, discretamente, no interior de cada um. Processo que se repete na singularidade individual. E porque isto acontece deste modo, torna-se possível o diálogo, a união, a comunidade de espíritos na fraternidade e tolerância.

A partir do momento em que o Venerável Mestre afirma *“Já não estamos mais no mundo profano e deixamos os metais à porta do templo”*, inicia-se um processo ritual que situa o trabalho num espaço e tempo sagrados. Esse espaço e tempo que, fundamentalmente, se situam no coração e vontade de cada um dos Irmãos e se expandem na egrégora que se cria, manifesta-se na palavra do Venerável Mestre que abre e conduz os trabalhos, no gesto dos Vigilantes que o prosseguem através da iluminação do Templo, no altar que é preparado pela mão do Grande Diácono, no ritmo que, aos trabalhos, imprime o Mestre de Cerimónias, na presença da Tradição pela qual o Orador zela, na tranquilidade e segurança confiada ao Guarda do Templo, enfim, pela presença activa de todos os Irmãos e Irmãs através de cujo trabalho, realizado voluntária e livremente, a Grande Obra se concretiza.

Mas tudo isto não passará de uma simples aparência, diria mesmo, de uma encenação sem sentido, se toda esta linguagem ritualista e simbólica não for o lado visível de uma atitude e de uma vivência que desvela a compreensão, oculta no interior das aparências, paulatinamente descoberta por cada um à medida do seu crescimento, quero dizer, do **efectivo** grau em que se encontra.

A sacralidade deve ser o centro do trabalho maçónico porque este realiza o que de mais fundamental existe – o conhecimento de si, a união com os Irmãos, a união com a Humanidade e deste modo a participação no Universal, na Unidade.

É nesta passagem do exotérico para o esotérico que reside, a meu ver, a riqueza e a solidez da Ordem Maçónica; aquilo que a constitui como uma ordem iniciática, e conseqüentemente a torna incompreensível ao olhar do profano; aquilo que confere aos seus membros a possibilidade de se colocarem para além de qualquer dogma, estabelecendo um caminho de abertura para a universalidade, para a construção de si próprios em direcção a um princípio espiritual; aquilo que permite compreender que as diferenças nem sempre são antagonismos, podendo

“A MAÇONARIA É
UMA ORDEM
OCULTA. É
PRECISO SABER
LER - SABER
REUNIR,
RECOLHER,
APODERAR-SE DO
SENTIDO. “

Prancha Simbólica

mesmo ser complementaridades.

Segundo Irène Mainguy (*La Symbolique Maçonnique du Troisième Millénaire*), “o que se designa por mistério na religião denomina-se segredo no esoterismo, por ser incomunicável”.

Tudo reside na forma de usar e viver o símbolo e o ritual. Ou se permanece numa exterioridade, vistosa, tagarela e conseqüentemente cega, ou se avança na evolução espiritual através da interiorização cada vez mais profunda da mensagem simbólica. O símbolo e o ritual são o que torna possível o acesso a uma realidade até então invisível.

Assim, a característica oculta da Maçonaria, que tanto assusta como suscita uma curiosidade intrigante no profano, está ligada à própria busca iniciática. Entre o exercício do ritual e o seu sentido profundo tem de haver uma complementaridade, quer dizer, a existência de um compromisso entre o que se exterioriza e a penetração em algo mais profundo e interior, do qual a palavra já não é capaz de dar notícia. É o segredo iniciático. Tentar explicá-lo é uma tarefa votada ao fracasso. Cada descoberta, cada aprendizagem tem sentido, antes de mais, para quem as faz. E porque ao fazê-las intui o que é verdadeiramente humano, o universal dentro de si, fica apto a compreender, respeitar e a amar todos os homens e liberto para receber a Luz. O uso do símbolo, o exercício do ritual facilitam o brotar deste estado simultaneamente singular e universal.

O silêncio em que se processa esta revelação – que se inicia na escuta do Aprendiz e se transforma em meditação – é, por um lado, a preservação do espaço onde se torna possível o trabalho de recolhimento e de aprofundamento e, por outro lado, representa a incomunicabilidade da sua própria natureza. Observado do exterior torna-se incompreensível.

É isto que ocultamos mas que deve manifestar-se indirectamente na nossa postura e acção diárias. Tal como o escravo platónico regressa à caverna para despertar os antigos companheiros da acomodação às trevas, o maçom deseja que este segredo se revele à Humanidade. Momento em que a dicotomia sagrado/profano deixaria de ter sentido e se cumpririam as palavras da Cadeia de União.

Esta reserva não é, pois, apenas a discrição com a qual nos preservamos e que talvez surja, para o exterior, como uma ocultação de algo perturbador que manipula na sombra. O verdadeiro lado oculto da Maçonaria é o segredo iniciático que se revela a cada um na presença atenta que medita sobre os símbolos e sobre o ritual. Despojado de preconceitos e de dogmas, removendo as barreiras que o impedem de atingir esse domínio inacessível à razão e ao discurso. Preservando algo fundamental.

Como magistralmente diz Lao Tsé “Os que conhecem não falam, os que falam não conhecem”.

Ilda Batista

“O SÍMBOLO E O
RITUAL SÃO O QUE
TORNA POSSÍVEL
O ACESSO A UMA
REALIDADE ATÉ
ENTÃO
INVISÍVEL.”

Prancha Social

Mass media – poder e manipulação

Os meios de comunicação social fazem parte dos chamados aparelhos ideológicos de estado, como a Igreja, a Família e a Escola.

O filósofo francês Louis Althusser defendeu, no seu ensaio *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*, que estes aparelhos têm a função de manter e gerar a reprodução social, isto é, manter o *status quo* dominante. Este papel não é inevitável pois estes aparelhos, como a Escola e seus agentes, os professores, podem inverter essa função e funcionar como agentes subversivos da ideologia dominante, pelo menos em certas conjunturas e circunstancialismos históricos. Quando tal acontece surgem os aparelhos repressores do estado em acção, como a polícia. Cada época histórica estabelece as condições para diferentes aparelhos assumirem o seu papel. Veja-se o papel ideológico da Igreja durante a Idade Média e Antigo Regime. Com a Modernidade é a Escola que sobressai como aparelho ideológico dominante. Na época contemporânea e na pós-modernidade são os meios de comunicação de massa, jornais, tv, rádio, etc. que se revelam os melhores e mais eficazes aparelhos ideológicos dominantes.

Se o estruturalismo marxista de Althusser nos situa, quanto ao papel e contexto ideológico-político dos mass media é necessário recorrer a outros autores contemporâneos como o linguista e pensador americano, Noam Chomsky, para melhor percebermos o papel actual e o modo de actuação dos media na sociedade contemporânea.

No seu trabalho *A Manipulação dos Media*, 1991, Chomsky afirma que a democracia do nosso tempo não é uma democracia de homens livres, mas uma democracia de espectadores, uma democracia onde os interesses comuns só podem ser compreendidos por uma elite de “homens responsáveis” – os políticos. As massas, ou o “Rebanho tolo” são demasiado estúpidos para compreender os seus próprios interesses. Se acontece que as massas decidam tomar conta dos seus próprios interesses, é aqui que entra em acção o papel interventor dos media. Se nas sociedades ditatoriais se recorria à força militar para se controlar as massas, nas democracias recorre-se à propaganda e à manipulação. Chomsky afirma literalmente que “a propaganda está para uma democracia como o cacete está para um estado totalitário”.

Este processo consiste numa pressão contínua que cria nas pessoas “ilusões necessárias” que as levam a aceitar políticas que nunca desejariam, que inventam factos políticos e perigos e inimigos que as assustam e, simultaneamente, as mantêm entretidas e distraídas com futebol, novelas ou problemas secundários que desviam a atenção dos problemas reais. Os media criam, assim, uma imagem do mundo que tem uma relação muito ténue com a verdadeira realidade. A manipulação não reside apenas na ocultação do essencial com o acessório, na criação de falsas realidades. Os media de que se destaca a televisão, são autênticos formadores não só de opinião, como de comportamentos, hábitos e atitudes. Há um processo de controle social baseado na manipulação da sociedade pelo lado mais baixo dessa massificação – vejam-se os programas da nossa TV e o alinhamento das notícias dos telejornais. As consequências são graves na medida em que temos cada vez mais uma sociedade de massas em vez de públicos esclarecidos e capazes de opinião própria. Se cruzarmos a realidade dos media, na actualidade, com a realidade da escola e da indústria do lazer, facilmente daremos conta que existe, a nível mundial uma estratégia para manter as massas alienadas e acríticas. É este o cenário óptimo para o liberalismo económico capitalista e seus políticos actuarem. A formação da cidadania é feita pelo nível mais baixo, pois apenas interessa reproduzir cidadãos que saibam ler e escrever o elementar para

“OS MEDIA DE QUE SE DESTACA A TELEVISÃO, SÃO AUTÊNTICOS FORMADORES NÃO SÓ DE OPINIÃO, COMO DE COMPORTAMENTOS, HÁBITOS E ATITUDES.”

Prancha Social

desempenharem o seu papel de assalariados e consumidores. A este nível estamos a raiar os limites que podem mesmo pôr em causa o nível civilizacional que atingimos.

Os políticos estão, no entanto, reféns deste poder dos media na medida em que têm que dominá-lo para o usarem como instrumento privilegiado da sua acção. Se estão no poder, servem-se dos meios de comunicação do estado; se não estão, tentam a posse dos meios privados – veja-se o caso de Berlusconi , na Itália, e Balsemão em Portugal.

Outro utilização dos media é encomendarem um tratamento da imagem elaborada pelo marketing para melhor fazer passar as suas mensagens.

Os acontecimentos recentes, no nosso país, mostram bem como os políticos estão reféns deste poder. O actual governo trabalhou magistralmente, numa primeira fase, a sua actuação ao nível dos media. Veja-se a campanha que levou a cabo com o intuito de desacreditizar os professores perante a opinião pública. A ponto da Ministra da Educação ter afirmado que tinha perdido os professores mas ganhou as famílias. Prepararam, assim, o terreno para levar a cabo as políticas que pretendiam impor. Todavia, esta fase final do mandato do governo mostra como o “feitiço se pode voltar contra o feiticeiro”. Vejam-se o caso das habilitações do Primeiro Ministro e o caso Freeport. Nem o salva da campanha o controle que exerce nos meios de comunicação do Estado.

O poder dos media começou por ser designado pelo 4º poder. Esta concepção advogava uma concepção progressista do papel dos media: de alguma forma este poder era uma forma de fiscalizar os outros três poderes – executivo, legislativo e judicial. Corresponhia a uma visão romântica e optimista, pois funcionaria como um recurso dos cidadãos contra os abusos dos outros poderes. E, de facto, chegou a funcionar como tal, em muitas situações. Muitos jornalistas corajosos pagaram com a vida ou a sua integridade física e moral as denúncias que fizeram. Mas segundo Ignacio Ramonet, director do Le Monde Diplomatique, nos últimos vinte anos assistimos a nova característica e a um novo alinhamento do poder dos media.

Com a globalização económica liberal este 4º poder perdeu a sua função fundamental de contrapoder.

Com o desenvolvimento de um novo tipo de capitalismo, agora já não só industrial mas acima de tudo financeiro e, que vive sobretudo da especulação, assiste-se a evidências chocantes. Há um confronto brutal, segundo Ramonet, entre o mercado e o estado, entre o poder económico e o poder político, entre o sector privado e os serviços públicos, entre o indivíduo e a sociedade, entre o íntimo e o colectivo, entre o egoísmo e a solidariedade.

O poder concentra-se em grupos económicos mundiais e empresas globais cujo peso económico parece ser superior ao dos governos e dos estados. São eles os novos senhores do mundo que reúnem anualmente em Davos e inspiram as políticas no âmbito do FMI, do Banco Mundial e da Organização Mundial do Comércio. Esta realidade geo-económica provocou uma alteração decisiva na comunicação de massa.

Os meios de comunicação de massa fundem-se cada vez mais em grupos de comunicação de carácter mundial. As mudanças tecnológicas e a Internet permitem a expansão destes grupos como cerejas: a New Corps, a Viacom, a AOL Time Warner, a Microsoft, a Telefónica, a France Telecom, etc. As três esferas que antes eram autónomas – cultura de massa, da comunicação e da informação, são agora indistintas e constituem uma esfera gigante e ciclópica. Elas veiculam a difu-

“OS MEIOS DE
COMUNICAÇÃO DE
MASSA FUNDEM-
SE CADA VEZ
MAIS EM GRUPOS
DE COMUNICAÇÃO
DE CARÁCTER
MUNDIAL.”

Prancha Social

são de mensagens de todo o tipo, nas quais se misturam televisão, desenhos animados, cinema, vídeo-jogos, CDs de música, DVDs, espectáculos, desporto, etc.

Há duas características novas, primeiro, possuem tudo o que diz respeito a texto, imagem e som, utilizando os canais mais variados (jornais, rádios, TVs generalistas, cabo, satélite, internet e todo o tipo de rede digital; segundo, são grupos mundiais, globais e não apenas nacionais ou locais. O seu peso económico é cada vez maior e através de uma política de concentração e aquisição constante exercem o seu poder sobre os governos no sentido de impedir que as leis proibam a concentração e constituição de monopólios. Assim, a globalização económica acarretou também a globalização dos mass media, da comunicação e da informação.

Deixou de funcionar como 4º poder e de denunciar os abusos para, com o seu gigantismo adular o poder para melhor reinarem economicamente. Se se comportam como 4º poder é para se juntarem ao poder político e económico para “esmagarem” o cidadão.

Segundo Ramonet, a questão que se coloca em termos de cidadania é a seguinte: Como reagir? Como resistir à ofensiva deste novo poder que traiu os cidadãos e se passou para o inimigo?

A solução está em criar um “5º poder” que oponha a força dos cidadãos à força dos novos senhores dominantes. Um “5º poder” que denuncie o super-poder dos media, cúmplices e difusores do liberalismo globalizante.

Este “5º poder” deverá exigir mais ética, mais verdade e mais respeito pela deontologia dos jornalistas. De modo tal que estes possam agir de acordo com as suas consciências e não em função dos grupos, empresas e patrões que os empregam.

Passa-se com a informação o mesmo que aconteceu com a alimentação. Antes podia-se morrer de fome. Com o crescimento e desenvolvimento da agricultura descobriu-se que os alimentos estavam contaminados. Agora morre-se com alimentos contaminados.

A informação antes, era escassa, agora, é asfixiante, envenena-nos o espírito e polui o cérebro. Intoxica-nos, tenta instilar no nosso inconsciente ideias que não são as nossas.

Foi assim proposta a criação do Observatório Internacional dos Media (Media Watch Global) para se poder enfrentar o novo super-poder. Os grandes meios de comunicação privilegiam os seus interesses particulares em detrimento do interesse geral e confundem a liberdade com a liberdade da empresa, considerada a principal de todas as liberdades. A liberdade da empresa não pode prevalecer sobre o direito dos cidadãos a uma informação rigorosa e verdadeira.

Nos dias de hoje em que vivemos uma crise financeira, gerada nas contradições do sistema capitalista e, crise acima de tudo económica gravíssima e de alcance tal que não sabemos onde nos levará, não posso deixar de citar um grito de esperança no futuro. Um grito que foi já pronunciado pela revolucionária Rosa Luxemburgo, no princípio do século XX, ao antever a realidade negra da lógica capitalista – *Quanto mais negra é a noite, mais brilham as estrelas!*

Henrique Vaz

“OS GRANDES
MEIOS DE
COMUNICAÇÃO
PRIVILEGIAM OS
SEUS INTERESSES
PARTICULARES
EM DETRIMENTO
DO INTERESSE
GERAL E
CONFUNDEM A
LIBERDADE COM A
LIBERDADE DA
EMPRESA,
CONSIDERADA A
PRINCIPAL DE
TODAS AS
LIBERDADES.”

Maria Deraismes (1828—1894)

Maria Adélaïde Deraismes, do qual Maria não é senão o diminutivo, é uma figura emblemática do feminismo, uma mulher de vanguarda. É co-fundadora do Direito Humano com Georges Martin.

Nasceu em 15 de Agosto de 1828 em Paris numa casa confortável e aconchegante. O seu pai, François Deraismes, era um burguês liberal e republicano. Era comissário em mercadorias. Morreu em 1852. A sua mãe, Anne Soleil, era a sobrinha herdeira de um oculista conhecido. Faleceu em 1861. Maria tinha uma irmã sete anos mais velha, mais conhecido pelo nome de Anne Féresse. Sem filhos, após a sua viuvez em 1865, Anne volta a viver com Maria.

Maria era uma mulher culta, uma intelectual realizada. A sua educação foi superior à das jovens raparigas da sua época, a sua erudição era grande. Estudou latim, grego, os filósofos, a Bíblia, os pais da Igreja, as traduções dos livros da Índia e das religiões orientais. Praticou o teatro, a pintura e a música. Aos doze anos, experimentou a arte oratória e transformou o quiosque do jardim familiar em tribuna onde pronunciava os seus discursos. Na sua juventude, foi testemunha da revolução de 1848 e do golpe de estado de 1851. Viveu a história do Segundo Império, a oposição latente de uma elite intelectual, o colapso do Império e o nascimento da Terceira República. Por escolha pessoal, Maria ficou solteira.

Maria e a sua irmã Anne tiveram uma vida intelectual intensa e no seu salão afluía a república liberal. Rapidamente Maria tornou-se a porta-voz do combate da emancipação feminina. Deu vida à “*La Société pour la revendication des femmes*” que batalhava para o desenvolvimento da educação feminino. Colaborou de forma regular em diferentes jornais: *Le Grand Journal*, *L’Epoque*, *Le Nain Jaune* e *Le Droit des Femmes*.

As suas ideias republicanas e a sua reputação de oradora seduziram os homens políticos da época, em particular aqueles atraídos pelo feminismo. É assim que desde 1866, foi solicitada pelo Grande Oriente de França, obediência exclusivamente masculina, para participar em conferências. Abordou a moral, a história, a literatura, o direito da criança, o papel do clero na sociedade, a mulher, etc.

As repetidas bronquites interditarão-lhe a tribuna por algum tempo. Durante o Verão de 1870, parte para viver com o seu tio perto de Saint Malo, esteve, portanto, ausente de Paris durante a Comuna. Um ano mais tarde, após o desastre desta guerra, voltou a Paris e compromete-se numa campanha em favor da democracia. Adere à *Le Libre Pensée*, funda uma secção da qual trata e depois cria o jornal *La Libre Pensée de Seine et Oise*. Contribui, com o franco-maçom Léon Richer do Grande Oriente de França, para o primeiro congresso internacional do “*Droit des*

Femmes”. Em Junho de 1881, triunfa perante quatro mil delegados, na ausência do presidente Victor Schoelcher que ela substituiu no congresso anticlerical, durante o qual as decisões referentes à separação das Igrejas e do Estado foram tomadas.

A sua actividade e a sua entrega foram tais que foi formado Comité para apresentar a sua candidatura nas eleições legislativas. Mulher de razão, ela declina a oferta, sabendo a sua candidatura inadmissível.

A 14 de Janeiro de 1882, abre-se para Maria Deraismes um novo período. Com a ajuda de Irmãos da Grande Loja Simbólica Escocesa, foi regularmente iniciada na Loja *Les Libres Penseurs au Pecq*. A transgressão da Loja aos princípios foi ousada, iniciar uma mulher não era autorizado e os Irmãos resolveram não a receber mais em Loja. Perante a persistência desta rejeição, Maria considerou seu dever renunciar impor-se a uma Loja masculina. Conformou-se ao silêncio maçónico até 4 de Abril de 1893, data na qual fundou em colaboração com Georges Martin a Grande Loja Simbólica Escocesa de França, O Direito Humano, que viria a chamar-se a Ordem Maçónica Mista Internacional O Direito Humano.

Maria Deraismes não veria o coroamento da sua obra, tanto profana como maçónica. Morreu a 6 de Fevereiro de 1894. Foi enterrada civilmente e repousa no cemitério de Montmartre. Esta figura extraordinária

que lutou para que a mulher fosse plenamente reconhecida merecia ser honrada. A 16 de Junho de 1895, uma rua com o seu nome foi inaugurada no prolongamento do jardim público dos *Epinettes* no 17º Distrito de Paris. Nesse mesmo jardim, a 3 de Julho de 1898, a sua estátua revestida do cordão maçónico foi erigida mas, durante a Segunda Guerra Mundial, esta estátua foi removida para ser fundida com os lucros dos ocupantes. Nada morre, tudo está vivo, depois de 14 de Junho de 1984 a estátua retomou o seu lugar.

Esta mulher de talento trouxe muito, lutou para que o Homem adquirisse mais liberdade, para fazer avançar a igualdade do homem e da mulher e que um e outro viessem a beneficiar da mesma forma da justiça social numa humanidade organizada em sociedades livres e fraternais. Durante os seus numerosos anos, Maria combateu na qualidade de “maçom sem avental” diríamos nós, mas abriu a todas as pessoas de boa vontade a via da Franco-Maçonaria Mista e permitiu um avanço democrático para as mulheres.

www.droithumain-france.org



Poesia Iniciática

“O Verdadeiro Segredo Maçónico”

“O verdadeiro Segredo Maçónico...

É um segredo de vida

E não de ritual

E do que se lhe relaciona.

Os Graus Maçónicos comunicam àqueles que os recebem,

Sabendo como recebê-los,

Um certo espírito,

Uma certa aceleração da vida

Do entendimento

E da intuição,

Que actua como uma espécie

De chave mágica dos próprios símbolos,

E dos símbolos

E rituais não maçónicos,

E da própria vida.

É um espírito,

Um sopro posto na Alma,

E, por conseguinte,

Pela sua natureza,

Incomunicável.”



Fernando Pessoa

Preceito Maçónico

*"Liberdade, essa palavra que o sonho humano alimenta que não
há ninguém que explique e ninguém que não entenda."*

Cecília Meireles

Editor de Publicação:
Manuel Garrido

Comissão de Publicação:
Raquel Reininho
Ricardo Freitas

Colaboração:
Ilda Batista
Henrique Vaz

**Contacto para sugestões e
colaborações:**
boletimfederacaodh@gmail.com

O Ordem Maçónica Mista Internacional “Le Droit Humain” em Portugal

A Ordem Maçónica Mista Internacional LE DROIT HUMAIN teve duas fases da sua existência em Portugal.

A primeira fase histórica na 1ª República foi liderada pela Dra Adelaide Cabete, insigne lutadora pela causa da Igualdade entre o Homem e a Mulher, Venerável Mestre de uma Loja feminina, a Loja Humanidade, dentro da então estrutura do GOLU (Grande Oriente Lusitano Unido), retirou-se do mesmo, ao ser-lhe exigido que ficasse mas como Loja de Adopção, isto é, sem os plenos direitos que antes detinha em igualdade com as Lojas masculinas, e pediu a admissão na nossa Ordem. Após a admissão, criou outras Lojas dando assim origem à Jurisdição Portuguesa de que foi Presidente. Após a Revolução de 28 de Maio de 1926, com a instauração do Regime ditatorial do Estado Novo o Direito Humano desaparece em Portugal. Em 1980 um grupo de profanos de Lisboa foi iniciado e constituiu uma nova Loja a que deu o nome de "Humanidade" em homenagem à criada em 1923, e, deu-se início a um novo ciclo. Em 1983 foi criada no Porto a Loja "Fraternidade", em 1984 a Loja "Athamor" em Lisboa, em 2000 a Loja "Liberalitas" em Évora, em 2002 a Loja "União" em Alcobaça e em 2003 a Loja "Gaia" em Vila Nova de Gaia e a Loja "Adelaide Cabete" em Braga. Existem, ainda três ateliers de Altos Graus: uma Loja de Perfeição "Sete Colinas", um Capítulo "Rosa Lusitana" e um Areópago "Porto do Graal".

Comissão de Reflexão dos Rituais

A Comissão de Reflexão dos Rituais criou uma página na Internet acessível a todos os Irmãos e Irmãs da Federação Portuguesa do Direito Humano, com vista a incentivar o estudo e o debate dos Rituais praticados. Todos os Irmãos e Irmãs podem aceder à página através de um nome de utilizador e palavra passe que podem obter através do Venerável Mestre da sua Loja ou dos seus representantes presentes na reunião de 7 de Fevereiro de 2010 com o Conselho Nacional.

Poderão ler e comentar as Pranchas já publicadas por esta Comissão em <http://comissaorituaisfpdh.typepad.com/>

